

Ou... Ou. Kierkegaard e Munch, a teologia e a Arte

Cássia Pérez da SILVA¹

Resumo

Este artigo é parte das pesquisas da Iniciação Científica em curso e pretende apresentar a relação entre dois noruegueses, um filósofo/teólogo e um artista plástico, cada qual referência em sua área, e que quando relacionados possibilitam a reflexão e o diálogo de valores estéticos e éticos que se formavam no norte europeu rumo à racionalidade positivista que marcaria, com profundidade, o século XX. Para tanto, primeiramente apresentamos o pensamento de Kierkegaard e seus dois estágios valorativos no mundo vivido. Em seguida o pensamento imagético de Munch e a liberdade criativa de suas representações pictóricas que também valoravam a sociedade e o vivido. Incluímos três imagens que entendemos serem representativas para o tema proposto.

Palavras-chave: Arte. Filosofia. Kierkegaard. Munch.

Abstract

This article is part of the research of Scientific Initiation ongoing and aims to present the relationship between two Norwegians, a philosopher / theologian and an artist, each reference in your area, and when related enable reflection and the values of dialogue aesthetic and ethical that formed in northern Europe towards positivist rationality that mark with depth, the twentieth century. Therefore, first we present the thought of Kierkegaard and his two evaluative stages in the lived world. Then the imagistic thought of Munch and the creative freedom of their pictorial representations that also analyzed the society and lived. Included three images that we believe are representative for the theme.

Keywords: Art. Philosophy. Kierkegaard. Munch.

Introdução

A primeira impressão que podemos ter quando lemos o filósofo Søren Kierkegaard (1813-1855) é da dificuldade de seus escritos filosóficos dada a sua relação, com uma visão de mundo, marcada pela teologia protestante, em um momento

¹ Graduanda do Curso Arte: História, Crítica e Curadoria da PUCSP. Bolsista de Iniciação Científica na mesma Instituição. E-mail: cassiapzsilva@gmail.com

considerado pela história da filosofia, como moderno, no qual os debates sobre fé e razão pareciam resolvidos em favor do segundo posicionamento, desde, ao menos, Descartes (1596-1650). Entretanto, não foi assim com o filósofo e teólogo dinamarquês.

Desde a infância, marcada pela figura paterna e seus ensinamentos religiosos e imaginativos, cobrava-lhe o pai encenações de passagens bíblicas e o aprendizado do grego e latim, o que o fez decidir-se pela carreira teológica como forma, também de devoção e celebração divinas. Na Universidade de Copenhague conheceu a filosofia de Hegel e o racionalismo na busca do Absoluto. Contudo, aprofundando seus estudos no autor alemão, começa a discordar da abordagem que este faz das questões ligadas à fé e o cotidiano, pois a verdade conceitual proposta por Hegel não o convencia por completo já que a pessoa e suas vivências imediatas e intransferíveis estavam afastadas em prol da racionalidade.

O que opõe Kierkegaard a Hegel é que para o último o trágico de *uma* vida é sempre superado. O vivido se dissolve no saber”. E acrescenta o filósofo existencialista francês: “Para Kierkegaard, pouco importa que Hegel fale de ‘liberdade para morrer’ ou que descreva corretamente alguns aspectos da fé, o que ele critica no hegelianismo é o fato de negligenciar a *insuperável opacidade* da experiência vivida. Não é somente, nem sobretudo no nível dos conceitos que está o desacordo, mas antes no da crítica do saber e da delimitação de seu alcance” (KIERKEGAARD, 1979, VI).

O próprio Kierkegaard declararia sua perspectiva simples de viver e analisar como ser cristão dentro da própria cristandade, isso fica mais evidente na “metodologia” utilizada pelo autor para suas obras: nas teológicas assinava seu próprio nome; nas obras filosóficas utilizava pseudônimos (Senhor A e Senhor B, Climacus e Anticlimacus, entre outros).

Os Comentadores de Kierkegaard são unânimes em separar a sua obra em três estágios²: o estético, o ético e o religioso, sendo este último o principal e o mais elevado para a existência humana.

² Encontramos um comentarista que prefere a expressão estágio à estádio tendo em vista que o “estágio pressupõe uma passagem de um ponto a outro, o qual se dá o nome de 'estágio,' o que não acontece com 'estádio' em que um sujeito pode permanecer a vida inteira em um, sem passar para outro. O lugar onde ele [Kierkegaard] menciona que há pessoas que não chegam, pode ser este, o estádio, mas não qualquer um, o religioso, que está no grau mais alto. que o cavaleiro da resignação infinita (sic). Talvez seja isso, é o que me parece. Geralmente menciona-se três estádios, mas para mim todos os outros são importantes. DIAS, Jefferson Ferraz Kierkegaard - A severidade do Deus que promete e cumpre. Disponível em <

O estágio estético é ligado às não-realizações e paixões mundanas, momento em que o desespero aflora, pois a felicidade buscada é efêmera e fugidia levando a pessoa ao pecado, o qual é entendido como “fraqueza ou desafio elevados à suprema potência; é, portanto condensação do desespero” (KIERKEGAARD, 1979, 239-40). Neste estágio, o conhecimento está “preso” à experiência sensorial, nada sei se não passa pelo sensório.

No segundo estágio, o ético, o encontro com as leis morais e uma conduta regida por valores universais eleva a existência, haja vista que os prazeres sensoriais imediatos foram superados. Entendemos que a ideia de ‘abandono dos prazeres sensoriais’ seja equivocada, pois os três estágios estão interligados dialeticamente e não como graduações da existência. O fato de, perante Deus, o estágio ético ser um avanço pessoal do Eu, não pressupõe uma gradação quantitativa, mas qualitativa. Entretanto, ao adentrar o estágio ético, o Eu aceita limitações que virão em prol de valores universais, muitas vezes contraditórios com seus valores pessoais, mas essa aceitação garante a existência.

O último estágio, o religioso é considerado por Kierkegaard como o mais difícil, dada a necessidade de perseverança exigida. Com as limitações impostas ao Eu no segundo estágio, no embate dialético os prazeres sensoriais podem ser escolhidos e, assim, o Eu “retorna” ao primeiro estágio, escolhendo pelo desespero ao invés do comprometimento na fé, verdadeiro e dolorido rito de passagem para o Eu, na qual a Verdadeira do amor de Deus é assumida em suas últimas consequências, engrandecendo a existência. O autor vai reafirmar a dificuldade, pois que “A um homem seria impossível viver exclusivamente e a cada instante no Cristianismo³” (KIERKEGAARD, 2006, p. 97)

Esse terceiro estágio, desenvolvido por Kierkegaard também na obra ‘Exercícios Cristãos’, última em que usará pseudônimos, publicada em 1850 e na qual, Climacus e AntiClimacus debatem sobre o paradoxo e o escândalo. O paradoxo está no fato, como

<http://ulbra-to.br/encena/2014/07/11/Kierkegaard-a-severidade-do-Deus-que-promete-e-cumpre>> Acesso em 11 nov. 2014.

³*Un ser humano no sería capaz de vivir exclusivamente y a cada instante en las supremas ideas cristianas, de la misma manera que tampoco podría no alimentarse de nada más que de lo que hay en la mesa del Señor.* KIERKEGAARD, SørenAabye. Las obras el Amor. Meditaciones cristianas en forma de discursos. Tradujo Demetrio G. Rivero sobre el original danésKjerlighedensGjærninger (1847). Victoria Alonso revisó y actualizó la traducción, y redactó la presentación Acerca de la presente edición. Salamanca (ES): Ediciones Sígueme, 2006.

nos lembra Goñi (2013, p. 124) que é o escândalo “que provoca o estranhamento⁴ do Filho de Deus feito homem. No fundo, a cristandade estabelecida se escandaliza justamente por que não é capaz de admitir a Chamada de Jesus: falta, e aqui a questão fundamental, a fé”⁵. Já o escândalo é a própria síntese de Deus e Homem, impossível de ser captada em sua total essência pela razão tendo em vista que é Deus uno e homem singular, “que o gênero humano esteja ou tenha que ser “parente” de Deus, é o velho paganismo; porém que um homem individual seja Deus, isto é o Cristianismo, e este homem individual é Deus-homem” (KIERKEGAARD, p. 100), reunião que o dinamarquês vai considerar ainda como de “dois extremos mais sem sentido (KIERKEGAARD, p. 100)⁶.

Na sequência, Kierkegaard, em busca de uma indicação, um caminho que indique, ao menos, soluções preliminares pergunta acerca da possibilidade de provar historicamente a Divindade de Jesus, tendo em vista que isso contraria a racionalidade ocidental. Portanto, Jesus como Deus-Homem não será nunca demonstrado pela racionalidade e pela realidade humana, mas pela Fé. Já que, para a racionalidade, na essência do cristianismo está a aceitação da encarnação, o paradoxo do Deus-Homem. E para a temporalidade humana é a entrada da eternidade no tempo humano e que Aquele que reina pela eternidade é finito, ou seja, o escândalo estaria negado. O Deus – Homem é, portanto, objeto da fé e “signo de contradição” que é assumido pela fé e não pela

⁴ Conforme o Diccionario de la Real Academia Española, Anonadamiento é o ato de “Anonadar ou reduzir a nada”. Optamos por estranhamento que é mais comum no português, ainda que, temos consciência, o sentido tenha sofrido modificação. Disponível em <<http://lema.rae.es/drae/?val=anonadamiento>> Acesso em 12 nov. 2014.

⁵escândalo que provoca el anonadamiento del Hijo de Dios que se hace hombre . En el fondo , la cristiandad establecida se escandaliza justamente porque no es capaz de admitir la Invitación : le falta, he aquí la cuestión fundamen tal, la fe . La última parte es una bellisimareflexión sobre Dios como fin de todo, porque lo atrae todo hacia sí . GOÑI, Carlos. El filósofo impertinente . Kierkegaard contra el orden establecido. Colección Estructuras y Procesos - Serie Filosofía, Madrid: Editorial Trotta, 2013. (edición digital pdf). Disponível em <http://www.trotta.es/pagina.php?cs_id_pagina=38&cs_id_contenido=43969&ebook=44565> Acesso em 11 nov. 2014.

⁶ Dios-hombre es la unidad de Dios y un hombre individual. Que el género humano esté o tenga que estar emparentado con Dios es viejo paganismo; pero que un hombre individual sea Dios, esto es cristianismo, y este hombre individual es Dios- hombre. Ni en los cielos, ni en la tierra, ni en los abismos, ni en los más fantásticos extravíos del pensamiento es posible , hablando en términos humanos , una reunión de dos extremos más sin sentido . KIERKEGAARD, SørenAabye. Ejercitación del Cristianismo . Prólogo e traducción del danés de Demetrio Gutiérrez Rivero . Colección Estructuras y Procesos - Serie Filosofía, Madrid: Editorial Trotta, 2009. (edición digital pdf). Disponível em <<http://www.kierkegaardvivo.com.mx/archivo-de-documentos/>> Acesso em 12 nov. 2014.

razão. Sem o Escândalo o cristianismo mergulha no Ateísmo e Kierkegaard ainda completa sua crítica a ordem estabelecida, a igreja, de que o racionalismo em que seus pastores vivem e exigem é um modo de pensar, contudo, não é o modo de viver: são racionais mas vivem esteticamente.

Nos escritos finais de sua vida, Kierkegaard reforçará sua tarefa de combater um cristianismo alijado da proposta de Cristo. Afirma e reafirma que as pessoas de sua época vivem esteticamente. “O dever convertido em pura legalidade a virtude em rito; a letra matado o espírito, o formalismo transformado em fonte de hipocrisia. Do cristianismo se conserva o folclore, o ritual, a ‘lei’, mas não o espírito” (GOÑI, 2013, p. 140).

O desespero e a estética em Edvard Munch

Edvard Munch é um artista norueguês que vivenciou as transformações dos séculos XIX e XX (1863 – 1944), conviveu com dramas e tragédias familiares com a morte de sua mãe quando tinha cinco anos e sua irmã mais velha quando tinha treze anos, ambas de tuberculose. Suas obras exprimem a vivência conturbada e o desespero humano de uma vida na qual a estética prevaleceu sobre a ética. Contudo, mais que emitir valores e juízes acerca da vida do autor, nossa proposta é indicar, partindo das reflexões e caminhos de Kierkegaard, uma reflexão e possíveis pontos de congruência entre os ensinamentos do teólogo e filósofo dinamarquês e o artista plástico norueguês. O primeiro fato que os une é geográfico. Ambos são nórdicos e seus idiomas parecidos e pela influência que Kierkegaard teve nos países daquela região, é muito provável que Munch tenha lido as obras deixadas pelo dinamarquês. Suas biografias convergem também no sofrimento, ambos perderam e vivenciaram perdas familiares e, principalmente, sofreram influências paternas e a separação dessa figura familiar, deixou marcas nos dois.

No plano teórico, a presença da recordação e da repetição é visível, sendo a repetição como “nova categoria [estética] a ser descoberta” (SCHNEEDE, 1998, p. 62-3), como sugere Kierkegaard. E isso para vencer ou suportar as dores deixadas pela trajetória cotidiana da vida vivida no estágio estético. Repetir não é conservar o igual, mas renovar a recordação mantendo o necessário para o equilíbrio mental. Aliás,

equilíbrio não era a palavra mais comum na vida de ambos, ainda que buscasse por ele, de certa forma, um pela literatura e outro pelas artes plásticas.

Munch tem vários quadros intitulados Angústia (angst) e em seu diário *The MadAuthor's Diary* afirmava ter lido Kierkegaard (que também escreveu nesse formato em 'Diário de um Sedutor') e para o seu próprio diário não queria se deixar levar pelo teólogo (STEWART, 2009, p. 152).

Uma análise da obra mais famosa, *O Grito (The Scream)*, pode indicar mais aproximações entre as duas personagens nórdicos. Nele encontramos tanto a angústia quanto o desespero, ambos conceitos desenvolvidos por Kierkegaard.

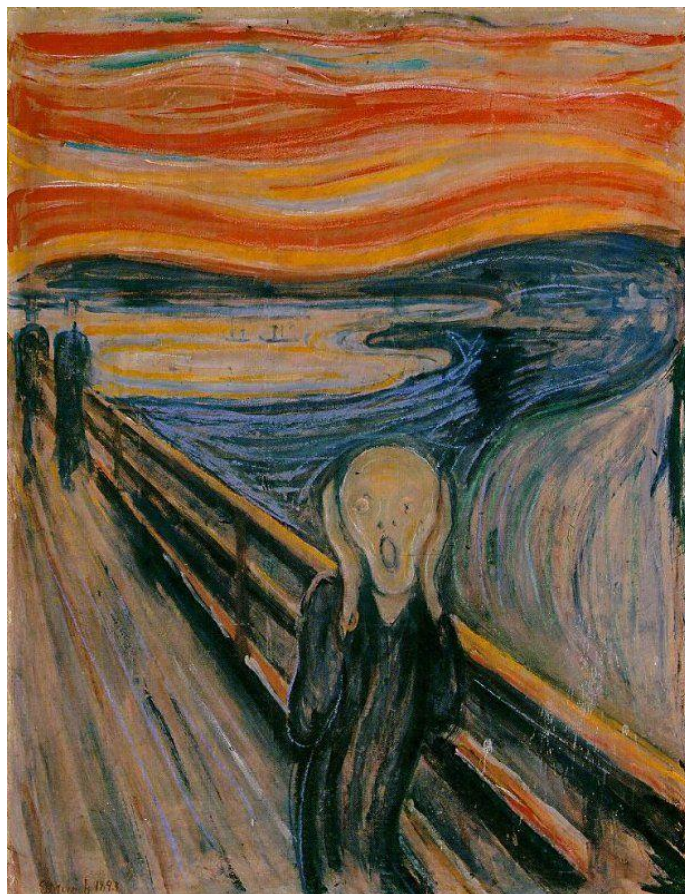


Figure 1 - The Scream. Tempera and pastel on board
91 x 73.5 cm

O desespero, nos escritos de Kierkegaard, está relacionado ao pecado e as categorias estéticas. “O que faz do pecado aquilo que os juristas chamam de “desespero qualificado”; a sua natureza dialética, ética, religiosa, é a ideia de Deus”

(KIERKEGAARD, 1979, p. 239). Nessa perspectiva a existência não completa seu legado, pois temos apenas a imagem dos valores – vida, bem, verdade – mas não a completa vivência deles.

O desespero, em Munch está posto plasticamente e demonstrado pelas cores e (dis)formas das pessoas. Na obra O Grito, a cor vermelha ensanguentada do céu, por exemplo, remetem às atividades dos vulcões que acabaram com a ilha de Krakatoa em agosto de 1883 e, conforme os cientistas teria sido representado por Munch na obra⁷. Os dados resultantes da erupção foram trágicos com desaparecimento de cidades e pessoas, milhares de mortes, navios destruídos. Na obra de Munch podem-se perceber embarcações tentando sobreviver em uma mancha macabra que representa o mar, logo atrás da personagem principal. Esta coloca as duas mãos nos ouvidos, o que sugere que o barulho foi escutado a milhares de quilômetros, como atestam os jornais da época.

No caso de assim ter realmente ocorrido, ou seja, a obra é uma experiência de desespero e angústia na qual a mudez pode ter ocorrido, conforme nos destaca Kierkegaard: “No conceito de angústia também é indicada que ela pode muito bem expressar-se por mudez, como foi um grito” (KIERKEGAARD, 1982, p. 62).

Outras obras de Munch seguem ou perseguem a mesma estética da dor, desespero e angústia como repetição que liberta. Mas, uma chama atenção pelas interpretações que ocorreram na época e a posição do próprio Munch: Vampire II (Figura I versão branco e negro⁸).

⁷ Why the sky was red in Munch's 'The Scream'. Disponível em <<http://edition.cnn.com/2003/TECH/space/12/10/scream.munch.reut/>> Acesso em 12 nov. 2014.

⁸VAMPIRE II. Disponível em <<http://gundersencollection.com/index.php/gundersen-collection-munch-articles/11-munch-vampire-2>> 2010. Acesso em 12 nov. 2014.



Figura 1 - Vampire II - 1863

Conforme descrição de seu amigo Adolf Paul (1893), ator em Berlim, Munch estava pintando uma modelo ruiva (Figura 2, Versão colorida⁹), quando ele adentrou ao atelier, o pintor pediu que ele abaixasse sobre ela e colocasse sua cabeça no colo da modelo que se abaixou sobre ele. Em pouco tempo Munch tinha representado a cena que primeiro se chamou 'LiebeundSchmerz' (Amor e Dor) e posteriormente Vampire II (VAMPIRE II, 2010)

A origem do novo título foi provavelmente devido ao escritor germano-polonês Stanislaw Przybyszewski, que descreveu o motivo, em 1894, como segue: "Um homem angustiado e contra o seu pescoço o rosto do vampiro o mordendo. (...) Há algo assustadoramente calmo, desapaixonado sobre esta imagem, uma fatalidade de resignação que não pode ser medido. O homem rola para e sobre o abismo, sem resistência, desamparado, tendo prazer no fato de que ele pode rolar tão sem resistência como uma pedra. Mesmo assim, ele não pode se livrar do vampiro, nem livrar-se de sua dor, e a mulher está sempre

⁹VAMPIRE II. Disponível em <<http://gundersencollection.com/index.php/gundersen-collection-munch-articles/11-munch-vampire-2>> 2010. Acesso em 12 nov. 2014.

sentada lá e para sempre estará mordendo com línguas de serpente mil, mil presas envenenadas (VAMPIRE II, 2010).

A versão de Munch para a obra, que foi considerada posteriormente pelos nazistas como ‘moralmente degenerada’ é mais simples, direta e retoma Kierkegaard no fazer cotidiano e na impossibilidade de apreender tudo pela racionalidade:

O fato é que em momentos diferentes se vê com olhos diferentes. (...) A maneira em que se vê também depende do estado de espírito. Isso é o que torna possível um motivo ser visto de muitas maneiras, e é isso que faz a arte interessante. " Este é também parte da diferença na escolha dos títulos por Munch e Przybyszewski. O ponto de partida de Munch foi, possivelmente, o amor, a dor e compaixão; cego pelo cabelo vermelho da mulher, Przybyszewski só vê o beijo de morte da mulher predatória. Mais tarde, Munch escreveria: "Vampire II é realmente o que torna a imagem literária - na verdade, é apenas uma mulher beijando um homem na parte de trás do pescoço (VAMPIRE II, 2010).

Dessa obra já foram escritas diversas interpretações, incluindo fantasias macabras sobre a morte da irmã do autor, suas investidas pelos prostíbulos locais (EDVARD MUNCH., 2011).

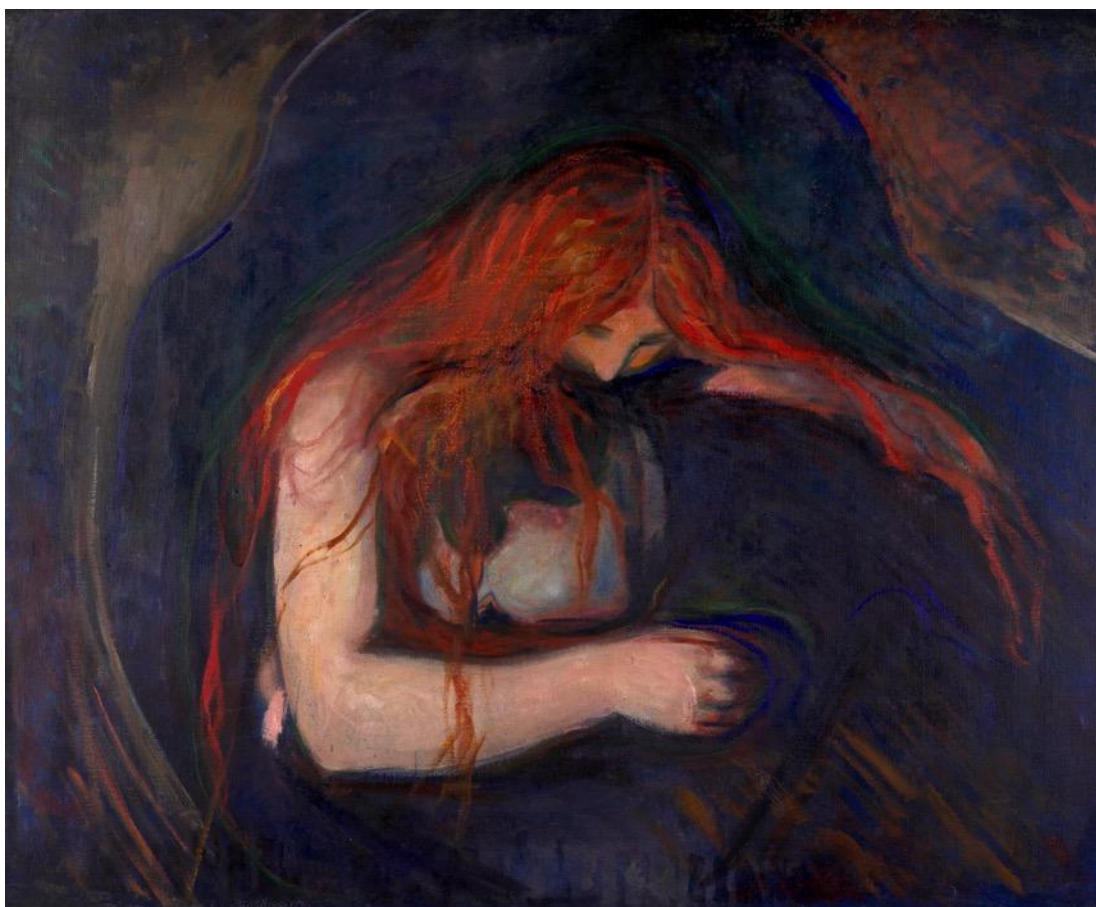


Figura 2 - Vampire II – 1863

Conclusão

Finalizando, verificamos que, ao cruzarmos obras e autores contemporâneos, nas suas respectivas manifestações literário-artísticas podemos compreender parte da proposta de se viver no mundo moderno em construção no norte europeu, ainda considerando que Kierkegaard não vivenciou a modernidade com suas possibilidades de desenvolvimento intelectual e material, como Munch pode ver. Assim como, o teólogo pode intuir as mudanças dos valores, a burocratização do cristianismo e a guinada do pensamento em total fervor com a racionalidade, proposta pelos positivistas.

Por seu turno, Munch viu a ascensão do positivismo filosófico e das vanguardas europeias, assim como do Nacional Socialismo alemão e as consequências para toda a Europa. Mais que intuir, o norueguês viveu as dificuldades dos nórdicos, suas angustias e desespero em uma sociedade na qual a miséria material e as exigências espirituais do

luteranismo, ao qual Kierkegaard, rompe de maneira institucional na busca de resolver sua “falta de pureza” para com Deus, pois entendia que a institucionalização colocava os pastores como representantes reais e racionais, exatamente contrario ao seu entendimento da teologia e do mundo vivido. Talvez a liberdade artística a que Munch se dava, não trouxesse, exatamente, questões teológicas mas o colocava entre os estágios um e dois (estética e ética), propostos por Kierkegaard.

Referências

DIAS, Jefferson Ferraz Kierkegaard. **A severidade do Deus que promete e cumpre**. Disponível em < <http://ulbra-to.br/encena/2014/07/11/Kierkegaard-a-severidade-do-Deus-que-promete-e-cumpre>> Acesso em 11 nov. 2014. EDVARD MUNCH: Paintings, Biography, and Quotes. Disponível em <<http://www.edvardmunch.org/vampire.jsp>> 2011. Acesso em 12 nov. 2014.

GOÑI, Carlos. **El filósofo impertinente**. Kierkegaard contra el orden establecido. Colección Estructuras y Procesos - Serie Filosofía, Madrid: Editorial Trotta, 2013. (edición digital pdf). Disponível em <http://www.trotta.es/pagina.php?cs_id_pagina=38&cs_id_contenido=43969&ebook=44565> Acesso em 11 nov. 2014.

KIERKEGAARD, Søren Aabye, 1813-1855. **Diário de um sedutor ; Temor e tremor ; O desespero humano / Søren Aabye Kierkegaard ; traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro**. — São Paulo : Abril Cultural, 1979. (Os pensadores). Também disponível em < <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/10/Diário-de-um-Sedutor-Temor-e-Tremor-O-Desespero-Humano-Kierkegaard.pdf>> Acesso em 12 nov. 2014.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Ejercitación del Cristianismo**. Prólogo e traducción del danés de Demetrio Gutiérrez Rivero. Colección Estructuras y Procesos - Serie Filosofía, Madrid: Editorial Trotta, 2009. (edición digital pdf). Disponível em < <http://www.kierkegaardvivo.com.mx/archivo-de-documentos/>> Acesso em 12 nov. 2014.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **El concepto de la angustia**. Madrid: Espasa-Calpe, 1982. Também disponível em <<http://www.kierkegaardvivo.com.mx/archivo-de-documentos/>> Acesso em 12 nov. 2014.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Las obras el Amor**. Meditaciones cristianas en forma de discursos. Tradujo Demetrio G. Rivero sobre el original danés Kjerlighedens Gjerninger (1847). Victoria Alonso revisó y actualizó la traducción, y redactó la presentación Acerca de la presente edición. Salamanca (ES): Ediciones Sígueme, 2006.

SCHNEEDE, Uwe M. **Edvard Munch**, la niña enferma: trabajo sobre el recuerdo

Madrid(ES): Siglo XXI Editores, 1998.

STEWART, Jon (Org.). **Kierkegaard's International Reception**, Volumen1 . The series *Kierkegaard Research: Sources, Reception and Resources* by Ashgate Ltd. United Kingdom, 2009.

VAMPIRE II. Disponível em <<http://gundersencollection.com/index.php/gundersencollection-munch-articles/11-munch-vampire-2> > 2010. Acesso em 12 nov. 2014.